

DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Autor (1) Elane Sousa da Silva;; Co-autor (1) Glênio Rodrigues Ribeiro Neto; Co-autor (2) Francisca Júlia Mendes de Souza; Co-autor (3) Caique Medeiros da Silva

Universidade Estadual da Paraíba, gleniorodriguesribeiro@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba, julias2wilton@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba, elane_hta_@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba, showscaiquemedeiros@gmail.com

Resumo

O artigo a seguir foi elaborado a partir de um relato de experiência sobre as aulas observadas em uma escola de ensino público. Desenvolvemos um trabalho que busca responder algumas questões sobre o ensino de língua portuguesa e a função social do professor da escola. A língua portuguesa está presente no currículo escolar de todas as escolas e é um dos conteúdos mais importantes para a formação do aluno, detém de uma enorme carga horária, juntamente com a disciplina de matemática, porém o ensino de língua foi bastante dificultado, O ensino de português no Brasil era basicamente pautado na exploração da gramática normativa, a qual pode ser conceituada como um conjunto de regras que devem ser seguidos pelos falantes dessa língua. A escola nesse sentido é encarregada de repassar a norma culta dessa língua, ou seja, ensinar o português gramaticalmente correto. A importância da realização desse trabalho é primordial para que entendamos a função da escola e do professor e mais ainda do ensino que é trazido de língua hoje em dia, a nossa metodologia se resume a um estudo de campo e com aportes bibliográficos como: BEZERRA (2010), GAMES (2013), RODRIGUES (2003), SOARES (2000), WALLON (1971) e também os Parâmetros curriculares nacionais sobre o ensino de língua portuguesa. Nosso objetivo é o de trazer reflexões acerca do ensino de Língua Portuguesa e disseminar as nossas experiências que resultaram no artigo em questão.

Palavras chave: Escola, Língua Portuguesa, Professor

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta nossas concepções acerca das observações realizadas em diferentes instituições de ensino da rede pública. No transcorrer do trabalho, o assunto será apresentado a partir do que foi visto nas aulas do 6º ano do Ensino Fundamental. As aulas observadas foram de Língua Portuguesa, onde era frequentado o total de 25 alunos, tendo idades variadas entre onze e dezesseis anos.

As aulas observadas possibilitaram o desenvolvimento da nossa pesquisa em relação ao papel do docente em sala de aula, sendo assim, nossa fundamentação teórica consistirá em autores como Rodrigues, Soares, Bezerra, Games, entre outros. Dito isto, traçaremos nosso percurso metodológico abordando conceitos trazidos dos autores citados anteriormente em relação ao tema proposto **DIFERENTES CONCEPÇÕES SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA.**

2 FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA

Com o passar do tempo a função da escola vem se modificando junto com a sociedade, o que era visto como “suficiente” na aprendizagem educacional do aluno acerca de 100 anos atrás, hoje, pode não ser o bastante para o desenvolvimento social e cognitivo do educando.

Por volta do ano de 1930 a escola era vista apenas como um ambiente em que necessitaria formar trabalhadores para o mercado de trabalho, onde deveriam ser seguidas regras para que se obtivesse um bom desenvolvimento do aluno, o mesmo era submetido a castigos, como a palmatoria, deveria ser seguida toda uma cartilha que estava à disposição do educando para que o mesmo completasse suas lições todos os dias, o papel da escola era possibilitar que o aluno desenvolvesse as aptidões da escrita, leitura e decodificação de textos, não era necessário que o mesmo aprendesse a analisar criticamente os textos que estavam sendo trabalhados em sala de aula, pois, nesse contexto educacional o texto é visto apenas como um produto lógico do pensamento que deveria ser decodificado pelo leitor, já que tudo estava dito no texto e nada mais cabia ao leitor a não ser decodificá-lo.

Nos dias atuais, a escola assume um papel de formar indivíduos críticos capazes de interagir com meio em que vive, demonstrando que, a decodificação de textos não é suficiente para que o educando se desenvolva cognitivamente e socialmente, neste contexto educacional a aprendizagem deve ser pautada em métodos que permitam que o educando interaja com as diversas atividades que

o educador proponha em sala de aula, possibilitando que o conhecimento seja construído e desenvolvido a medida em que se vai tendo novas atividades, demonstrando que o educador é um mediador e a escola um espaço em que o educando tem vez e voz, para que haja uma aprendizagem significativa. Tais fatos relacionados a função social da escola são ressaltados por Rodrigues (2003).

A escola deve ser um espaço que prepare os seus indivíduos para vida social e política, para o trabalho, para o desenvolvimento de suas habilidades individuais; que sistematize e organize conhecimento universal, a produção científica, as conquistas da tecnologia e da cultura mundial; que tal sistematização possibilite novas conquistas e novos desenvolvimentos, ampliando a oferta do bem-estar; que as questões novas, surgidas na própria produção do conhecimento, sejam dirimidas e analisadas na escola, e que ela seja, portanto, um lugar de produção de novos conhecimentos (...)

Como bem Moretto resalta a escola é um espaço social em que se deve proporcionar o desenvolvimento cultural e intelectual, demonstrando que no âmbito educacional o alunado é capaz de construir conhecimentos novos junto com os outros e com educador, pois, a sociedade precisa além de trabalhadores funcionais, indivíduos capazes de colocar-se criticamente perante as diversas situações em que será exposto na sociedade.

2.1 O ensino de língua portuguesa

Torna-se relevante a seguinte pergunta “porque ensinar língua portuguesa aos falantes nativos dessa língua? ”. Apesar do português ser a língua materna dos brasileiros, ele é ensinado desde das séries iniciais, desenvolvendo suas peculiaridades, como as regras ortográficas, a gramática, a interpretação e leitura de textos, entre outras características pertencentes a essa língua.

Durante meados do século XIX apenas as classes sociais de prestígios aprendiam essa norma, a classe popular era ensinado apenas a alfabetização, para Soares (2001) isso não é uma prática nova e desde do século XIX que foi quando a disciplina portuguesa entrou na grade curricular escolar dos brasileiros, tal disciplina é encarregada de “levar ao conhecimento (ou reconhecimento) dos alunos as regras gramaticais, de funcionamento dessa variedade linguística de prestígio” (a norma culta).

Com o desenvolvimento da sociedade as práticas metodológicas do ensino da disciplina de português vêm se modificando e a partir da década de 1950 começam a acontecer mudanças na maneira de lecionar tal disciplina, o que antes era ensinado apenas para classes sociais de prestígio passa a ser repassado em todas as escolas de forma igual, sem distinção de classe, cor ou religião, as

escolas passam a receber alunos de todas as camadas sociais, com isso a aumento na demanda dos profissionais da educação e um desenvolvimento no material utilizado pelos mesmos, surgindo assim uma ferramenta didática utilizada até hoje em todas as escolas o livro didático.

Com a criação do livro didático foi possível desenvolver novas práticas de ensino, a fabricação dos livros possibilitou que a tarefa do professor ficasse mais diversificada, pois, se antes os mesmos não contavam com um material didático que utilizava diversas atividades e diversos textos, com o auxílio do livro didático eles poderiam desenvolver diversas maneiras de ensino, apesar de sabermos que de início os livros não contavam com todo esse suporte teórico que hoje encontramos, mas mesmo assim possibilitou um desenvolvimento na prática docente de utilização do material pedagógico.

Segundo Bezerra (2010, p.45 e 46) os livros didáticos passaram por modificações no decorrer dos anos.

Com a ampliação das pesquisas sobre língua, ensino/aprendizagem e letramento e com a interação do Estado, através de programas específicos de avaliação do MEC, a partir da última década do século XX, os livros didáticos são pressionados a imprimirem mudanças em seus conteúdos, metodologias e concepções teóricas.

Essas mudanças variam desde concepções teóricas á práticas que devem ser utilizadas no ensino de português. Embora o ensino de gramática normativa continue tendo grande relevância, até por que é indispensável ensino de gramática na escola, o mesmo agora o mesmo apresenta uma contextualização entre texto e regras, interpretação e manipulação de diversos gêneros, possibilitando um maior desenvolvimento para o aluno, pois, agora ele tanto aprende a norma culta, quanto as suas variedades, tornando sua aprendizagem mais significativa.

O ensino de língua portuguesa vem se modificando junto com a sociedade fazendo com que a função do professor também se modifique.

2.2 O papel do professor

O papel do professor é algo muito debatido em todas as esferas da sociedade, o mesmo é visto como o detentor do conhecimento e cabe a ele repassar esse conhecimento para o alunado, ou como um “pobre” que ganha mal, frustrado e infeliz. Mas para nossa análise de qual a função do professor de íngua portuguesa, esqueceremos essa imagem formulada pela sociedade que

desenvolveu vários estereótipos do profissional da educação e analisaremos segundo três correntes da psicologia da educação, o ambientalismo, o construtivismo e o sociointeracionismo.

Na corrente ambientalista focaremos nossas abordagens na teoria behaviorista de Skinner, o qual defende que o homem é um ser em constante desenvolvimento, que tanto modifica como é modificado pelo meio, sendo assim o sujeito aprende por meio da ação que gera uma consequência, podendo servir como reforço ou punição. O reforço pode ser tanto negativo quanto positivo, o mesmo trata-se do fortalecimento de uma resposta (consequência) e a punição trata-se por sua vez de uma prática que suprime ou diminui o comportamento do sujeito.

Os pressupostos behavioristas destacam que a educação é um processo programado, definindo-se objetivos e verificando, se os mesmos foram atingidos. Com o auxílio dos conceitos desenvolvidos por Skinner podemos compreender que o papel do educador é preparar e realizar atividades eficientes de reforço, que proporcione para o aprendiz (aluno) mudar as respostas existentes em seu repertório cognitivo, modificando-as a maneira que o professor considera que esteja correta. Tais ações ficam claras na abordagem de Games (2013, p. 41).

Assim, a corrente behaviorista sugere que os professores utilizem a instrução programada como ambiente de ensino, ou seja, onde o aluno deve aprender uma série de etapas, desenhadas para alcançar certos objetivos, todos conduzidos pelos ensinamentos do professor. Nessa premissa, caberá ao aluno observar, escutar as explicações do professor, ou envolver-se em experiências, atividades ou sessões práticas, cujo retorno resultará sempre em aprendizagem. Ademais, aprendizes serão vistos como agentes que necessitam de motivação externa e de reforço, que pode variar entre positivo e negativo.

Podemos então concluir com tais abordagens de que o papel do professor é de um detentor do conhecimento onde o aluno é um mero aprendiz e cabe ao educador transmitir o conhecimento de forma que o aluno aprenda o que foi repassado sem interferência de sua opinião, apenas capte e decodifique o que o professor apresentou na aula. Trazendo para área de nossa pesquisa o professor de língua portuguesa é aquele que pode ser qualificado como um reproduzidor do ensino normativo, que prioriza apenas o repasse de conteúdo gramatical, seguindo sempre todas as regras e repassando-as para os alunos de forma que o mesmo é todo como um “vaso” vazio que o professor depositará o conhecimento gramatical.

A corrente construtivista tem como principal representante Jean Piaget, biólogo suíço, que desenvolve sua teoria de que o ser humano sofre interferências do meio, as quais essas são denominadas de experiências, que permitem que o sujeito aprenda apesar de muitas vezes elas

serem falhas. Sendo assim o sujeito aprende de acordo com as etapas que vai cumprindo em seu desenvolvimento, para Piaget o sujeito nasce com a base cognitiva inicial, onde estão as informações básicas, como o choro e à medida que o sujeito se desenvolve ele amplia sua base cognitiva e vai construindo novos conhecimentos com o auxílio das experiências proporcionadas pelo meio.

Piaget desenvolveu um esquema pelo qual é possível compreender a maneira que se é construído o conhecimento na base cognitiva. Tal esquema é composto por cinco etapas, o sujeito é exposto a uma nova informação, o que gera um *desiquilíbrio*, ou seja, uma inquietação na base cognitiva, quando essa informação chega a base cognitiva ela passa por mais dois processos o de *assimilação* que é quando o conhecimento é assimilado pelo sujeito, que por sua vez se acontecer corretamente sem nenhuma ruptura será acomodado em sua base tal processo é denominado de *acomodação*, esses dois últimos processos citados resultam em no quarto processo o de adaptação e por fim a *equilibração*, que é quando o conhecimento é absorvido corretamente, assimilado e acomodado na base cognitiva do sujeito, fazendo com que essa aprendizagem torne-se significativa para o seu desenvolvimento.

Nesse contexto o professor não é um detentor do conhecimento, mas sim um orientador entre a informação e o aluno, cabe a ele apenas orientar o aluno para que ele possa construir seu próprio conhecimento. O aluno não é um aprendiz, mas um construtor e as atividades desenvolvidas pelo professor devem proporcionar que o aluno seja capaz de desenvolver-se “sozinho”, as abordagens do professor devem ser capazes de fazer com que o aluno interaja, modifique, compreenda e construa sua aprendizagem. Nesse sentido o professor de português não repassará apenas as regras gramaticais ou norma culta da língua, mas sim desenvolverá práticas docentes que possibilitem que o aluno compreenda que a gramática é essencial, mas ele já nasce com um mecanismo que faz com que ele saiba utilizá-la, nesse contexto estamos falando da gramática internalizada que todos os sujeitos fazem uso diariamente, o papel do docente será fazer com que o educando interaja e compreenda que a gramática faz parte de seu contexto, além de proporcionar que o aluno tenha contato tanto com a norma culta (padrão) quanto com a coloquial (não padrão), demonstrando que ele é capaz de construir discursos em diversas situações comunicativas.

Nossa última abordagem está relacionada a teoria desenvolvida por Henri Wallon, teórico da corrente construtivista, que destaca que o indivíduo é biologicamente social, de forma que ele aprende à medida que interage com o meio e com outro. Para Wallon (1971).

O professor precisa ser um mediador, procurando resgatar e garantir um espaço de convivência para o ensinar e o aprender. Esse processo pode ser garantido se a educação da emoção for incluída entre os propósitos da ação pedagógica, o que supõe o conhecimento íntimo do seu modo de funcionamento

Nesse contexto entender o processo de desenvolvimento do aluno é indispensável à construção do conhecimento do professor. Professor e aluno são pessoas completas, com afeto, cognição e movimento e, portanto, se relacionam completos e dinâmicos, sendo de responsabilidade do professor a organização do meio pedagógico de modo propício ao desenvolvimento do aluno. O desenvolvimento cognitivo do aluno é pautado na dialética, onde são geradas teses, antíteses e sínteses, de forma a estar sempre em interação com o ambiente e com o outro, gerando sempre novos conhecimentos. O professor da disciplina de língua portuguesa deverá ser capaz de formular atividades que interajam com meio de seus educandos, lembrando que todos já dominam o português mesmo que seja apenas na oralidade, suas atividades deveram possibilitar que o aluno amplie seu conhecimento, em relação a um conteúdo que os mesmos já conhecem, é nesse sentido que entra o ensino da norma padrão do português não de forma a demonstrar que ela é a mais correta, mas que a mesma é apenas mais uma variação da língua portuguesa e que deve ser ensinada na escola.

Podemos compreender que o papel do professor varia de corrente para corrente, mas o mesmo deve ser capaz de mesclar suas práticas docentes entre essas três concepções, possibilitando assim, um ensino diversificado, onde nunca o aluno deverá ser um sujeito assujeitado, passivo, mas sim um sujeito ativo que interage e desenvolve seu conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com termino das nossas pesquisas podemos concluir que o presente trabalho foi de suma importância para o desenvolvimento acadêmico, além de possibilitar experiências gratificantes no âmbito educacional de duas escolas públicas.

As observações foram de extrema relevância, pois proporcionou um melhor aperfeiçoamento em meio as observações sobre a prática do docente em sala e o desenvolvimento dos alunos. Diante dessas perspectivas compreendemos que a função do professor não é tão fácil, porém, se torna gratificante ao percebemos nossa parcela de contribuição na formação do indivíduo.

Por fim, podemos dizer que o papel do docente em sala de aula deve ser dinâmico, interativo e colaborador para o desenvolvimento do educando em sala de aula. O mesmo deve fazer com que o

discente desenvolva a criatividade, como também a interação das competências comunicativas orais e escritas, ocasionando uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- GAMES, Luciano. **Psicologia da Educação**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- RODRRIGUES, Neidson. **Por uma nova escola: o transitório e permanente na educação**. São Paulo: Cortez, 2003.
- SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- WALLON, HENRI. **As Origens do Caráter na Criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1971.